

# O CÂNON JUDAICO E A SUA IMPORTÂNCIA

Genivaldo Freitas de Alencar

Graduado, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

BRUNO SILVEIRA ALBUQUERQUE

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

ISAÍAS LUIS DE ARAÚJO JÚNIOR

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

**RESUMO:** A Bíblia é um dos livros mais importantes da história. Sua relevância se deve ao fato de ser um dos mais antigos registros já escritos no mundo, abrangendo uma ampla gama de temas e assuntos. Um texto que transcendeu eras e fronteiras, justifica de maneira objetiva, a defesa em apreço. Somente um texto inspirado por Deus poderia ser tão bem preservado, a fim de oferecer à sociedade o estrato de sua importância como fonte primária de eventos factuais da história e como manual prático para os muitos desafios e respostas à sociedade atual. O presente texto, parte de uma breve análise historiográfica acerca da elaboração, formação e fixação do cânon sagrado, tanto na perspectiva judaica quanto



na perspectiva cristã protestante para os dois testamentos da Bíblia. O texto se dividirá em três partes principais e uma conclusão. Em primeiro plano, a presente redação trata da definição do termo e das principais fontes para a composição canônica. Em segundo plano, o enfoque da análise será a estrutura do Cânon judaico e sua elaboração. O texto ainda versa, sobre a forma como o Cânon foi fechado e fixado e a sua importância, enquanto fonte documental para a ciência e para a contribuição do conhecimento de Deus. Por fim, o texto é concluído, ressaltando a relevância da Bíblia judaica, e a importância de sua preservação para ser usado como base para outros textos veterotestamentários de Bíblias.

**Palavras-chave:** Manuscritos antigos. Canon. Bíblia Sagrada.

**ABSTRACT:** The Bible is one of the most important books in history. Its relevance is due to the fact that it is one of the oldest records ever written in the world, covering a wide range of themes and subjects. A text that has transcended ages and borders, it objectively justifies this defense. Only a text inspired by God could be so well preserved, in order to offer society a glimpse of its importance as a primary source of factual events in history and as a practical manual for the many challenges and answers facing society today. This text begins with a brief historiographical analysis of the elaboration, formation and establishment of the sacred canon, from both the Jewish and Protestant Christian perspectives for the two testaments of the Bible. The text will be divided into three main parts and a conclusion. In the foreground, this essay deals with the definition of the term and the main sources for canonical composition. Secondly, the analysis will focus on the structure of the Jewish Canon and its elaboration. The text also deals with the way in which the Canon was closed and fixed and its importance as a documentary source for science and the contribution of



knowledge. Finally, the text concludes by emphasizing the relevance of the Jewish Bible and the importance of preserving it so that it can be used as a basis for other veterotestamental texts in Bibles.

**Keywords:** Ancient manuscripts. Canon. Holy Bible.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por temática O Cânon Judaico e sua Importância, e como o seu texto constitui uma obra de forte teor científico. Partindo do exposto, este TCC tem a seguinte hipótese: Como o cânon judaico, foi desenvolvido e elaborado a partir de fontes e memórias tradicionais, e a sua importância no embasamento, de outros textos e versões de Bíblias, enquanto documento científico relevante.

Este trabalho tem como base fontes estritamente bibliográficas e fará uso do método historiográfico, teológico e epistemológico, no propósito de justificação da presente defesa e, para investigar o tema proposto que é constituído de três seções principais e uma conclusão.

A Primeira seção: A Bíblia Judaica, definição e fontes. Nessa seção serão abordados os conceitos e definições terminológicas e uma análise das fontes enquanto elemento indispensável para às Escrituras Hebraicas, partir da transmissão da revelação, inspiração e tradição, e suas divisões.

A segunda seção, o texto em apreço se ocupará na análise de como o cânon judaico foi estruturado, a partir da reunião dos textos e da elaboração propriamente. Os meandros e às etapas que envolvem a história da formação de um cânon e os desdobramentos que envolveram a façanha.

A terceira seção, está pautada no fechamento e fixação do cânon judaico e o importante papel que figurou, no embasamento de outros



textos e Bíblias, enquanto elemento científico documental, e a perenidade do código ético, moral e cerimonial judaico.

Destaca-se, finalmente, que a relevância deste trabalho consta na importância do cânon judaico que supera significativamente, grandes clássicos literários sobretudo pela preservação maciça de suas cópias ao redor do mundo, com o advento do texto massorético e o peso de sua relevância para a base das Bíblias hebraicas tal como hoje se dispõe, como uma clara intervenção divina na inspiração e preservação do texto.

## O CÂNON JUDAICO: DEFINIÇÃO E FONTES

### **1.1 Definição**

Cânon pode ser definido por uma dada quantidade específica de textos, organizados e fixados, em uma estrutura lógica, e formulada a partir de cuidadosa verificação. O estabelecimento de um texto como Escritura inspirada por Deus, é ponto crucial na análise, porque é exatamente este ponto, que busca determinar e estabelecer a validação da Escritura. Historicamente, um texto antigo é validado, ao passar pelo crivo da análise documental dos registros documentais e dos artefatos arqueológicos. A composição do texto sagrado, transcende a esses moldes de análises, pois não se trata de uma mera constatação historiográfica ou arqueológica, senão da revelação e inspiração de Deus, que, diferentemente dos historiadores, jamais esteve ou estará limitado ao tempo e ao espaço, ou a uma visão limitada dos eventos.

Diferente do cânon protestante, o cânon Judaico compõe 24 livros, os mesmos são aceitos no cânon protestante, com alguma diferença pontual, como por exemplo, I e II Samuel e I e II Reis que juntos constituem cada um, apenas um único livro. Contudo, o cânon é definido pelo sortimento de livros inspirados que possui, não mais, não menos e não outros, como observa Enns:



A palavra *cânon* é usada para descrever os livros inspirados. A palavra vem do grego *kanon* e provavelmente também a palavra hebraica *qaneh*, significando uma “vara de medir.” Os termos *cânon* e *canônico*, vieram significar assim os padrões pelos quais os livros foram medidos, a fim de determinar se eles eram ou não, inspirados.<sup>1</sup>

O conjunto de escritos que compõem o Tanakh foram elaborados entre o século XII e o século II a.C, passando por todos os estágios da evolução da língua hebraica no período bíblico e por suas variantes dialetais, que a rigor, são duas: O dialeto do norte, chamado de israelita e o dialeto do sul também chamado de dialético judaico<sup>2</sup>. Foi disposto em três níveis ou de forma tripartida, sendo a primeira parte a Lei, chamada: Torah – תּוֹרָה; a segunda parte, os chamados: Profetas - Nevi'im – נְבִיאִים e a terceira parte, os Escritos, chamado: Ketuvim – כְּתוּבִים.

O desenvolvimento do judaísmo passou pela influência que a Escritura hebraica teve enquanto revelação de Deus, desde o tempo de Esdras, o grande líder e escriba do pós-exílio. Embora a figura de Esdras tenha tido grande relevância na retomada da autoridade das Escrituras hebraicas no Templo, o vertiginoso trabalho de Esdras foi apenas o despontar de um considerável processo de estabelecimento, elaboração e fixação textual, que aconteceu não muito tempo depois dos seus dias. Não é possível determinar uma data específica da fixação do cânon judaico, mesmo porque a formação e fixação do mesmo, aconteceu separadamente, como salienta, Sizemore:

Estamos, provavelmente, certos, ao afirmar que a Lei recebeu prestígio canônico, isto é, alcançou uma forma fixa e final, e foi reconhecida como autoridade peculiar, por volta de 400 a.C. ou não muito depois. O esforço para formar uma coleção provavelmente desenvolveu-se no quarto século a.C., embora seja impossível dizer exatamente quando o cânon profético foi fixado firmemente. Parece claro que o processo foi completado pelo

1 ENNS, Paul. Manual de Teologia Moody. 1ª ed São Paulo: Batista Regular, 2010. p 188, 189. 2 FRANCISCO, Edson Faria. Antigo Testamento Interlinear: Hebraico/Português. 2ª edição. Sociedade Bíblica do Brasil: Barueri-SP, 2015. p 17.

2 FRANCISCO, Edson Faria. Antigo Testamento Interlinear: Hebraico/Português. 2ª edição. Sociedade Bíblica do Brasil: Barueri-SP, 2015. p 17.



menos em 200 a.C., porque Jesus ben Sirac, em cerca de 190 a.C., refere-se a cada um dos indivíduos cujo nome é emprestado a livros no cânon profético, incluindo uma referência aos Doze Profetas (os profetas menores), como se eles fossem representados por um único livro, desta forma dando a entender toda a coleção. A primeira indicação clara de que esta coleção de literatura (os Escritos) estava alcançando condição canônica apareceu em uma declaração do neto de Jesus ben Sirac, no prólogo de sua tradução da obra de seu avô para o grego, em cerca de 132 a.C. Ele menciona “a Lei e os Profetas e os outros livros dos nossos antepassados.”<sup>3</sup>

A perfeição do cânon, no sentido estrito, deve ser observada como resultados das ações humanas racionais unidas à perspectiva divina, que formam um conjunto de constatações realmente verídicas, e que compõem um texto completo e cientificamente verificável. A definição canônica, portanto, não é algo estático ou preso às decisões preferenciais de um dado grupo religioso que o reivindica. As prerrogativas do cânon, se mostram propriamente, na autoridade de suas constatações e assertivas. O cânon ou a vara de medir que compõe o תנ"ך - Tanakh dispõe de uma autenticidade inquestionável, sobretudo, quando se lê, as palavras da pessoa do Cristo, atestando e reivindicando o cumprimento de tais Escrituras, em sua própria vida e obra. O testemunho da autenticidade do cânon judaico é, portanto, incontestável.<sup>4</sup>

## 1.2 Fontes: Revelação, Inspiração e Tradição

A fundamentação textual ampara-se em pelo menos dois elementos fundamentais: A Revelação/Inspiração e a Tradição. Esses pontos encabeçam todo o arcabouço que envolve às fontes do cânon judaico. Há também sugestões e pressuposições críticas que fazem parte do exercício de análise das fontes.

<sup>3</sup> SIZERORE, Burlan A. Comentário Bíblico Broadman Vol. 1: O Cânon e o Texto do Velho Testamento. 1ª ed. Junta de Educação Religiosa e Publicações: Rio de Janeiro, 1987. p 85, 86.

<sup>4</sup> JOINER, Eduardo. Manual Prático de Teologia. 1ª ed Rio de Janeiro: 2019, 619



Considerando que, a Escritura que compõe o Tanah dos judeus, é constituído registros antiquíssimos, a cultura antiga da oralidade deve ser considerada, nesse processo construtivo. Na idade antiga, a prática de ensino da história, acontecia por vias da memória, essa era uma prática tradicional em civilizações antigas. Unida a prática antiga da oralidade, está a revelação de Deus. Esta revelação é evidenciada fortemente no mundo natural, no interior da consciência humana e principalmente no relato peculiar do autodesvendamento de Deus, de suas palavras e atos.<sup>5</sup> A tradição da oralidade e a revelação divina de sua própria pessoa, estabelecem uma harmonia, entre às verdades de Deus e às constatações da ciência humana. O resultado dessa harmonia é ressaltado por Crabtree, que faz a seguinte ponderação:

A fé e a razão caracterizam as experiências humanas, incluindo a religião bíblica, mas o conceito da revelação, no sentido restrito, pertence unicamente à Bíblia. Quanto ao problema de harmonizar a revelação bíblica com o conhecimento racional, queremos explicar de vez a nossa posição. Não temos dúvida nenhuma de que o processo da revelação transcende os poderes racionais do homem. Essencialmente a revelação bíblica é a comunicação de conhecimento da Pessoa de Deus (ou melhor, tripessoal de Deus). Ora, estas verdades a respeito da Pessoa, da vontade e dos planos de Deus que o homem não tem a capacidade de descobrir, mas uma vez comunicadas por Deus, no intercurso com homens idôneos, concordam perfeitamente com o conhecimento racional da humanidade.<sup>6</sup>

A inspiração da Escritura, pressupõe a autorrevelação de Deus de forma escrita. Em última instância, Deus é a principal fonte da Escritura canônica. A Bíblia Hebraica tem sido tradicionalmente dividida em três partes: A Lei (Torah), Os Profetas (Nevim) e os Escritos (Ketuvim).<sup>7</sup> A inspiração reveladora, dessa divisão tripartida, também está presente nas reivindicações de Cristo, quando evoca para si, o cumprimento dessas Escrituras em sua completude: “A seguir, Jesus lhe disse: São estas

5 ALLEN, Clifton J. Comentário Bíblico Broadman: O Livro da Fé Cristã. 2ª ed Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1996. p 21.

6 CRABTREE, A. R. Teologia do Velho Testamento. 5ª ed Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1991. p 21.

7 LASOR, Willian. HUBBARD, David A. BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. 1ª ed São Paulo: 1999. p 652.



palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: Importava se cumprir tudo o que de mim está na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24.44).

Apesar das teorias da crítica textual, concernente às fontes e autoria da Torah, e as proposições de Julius Wellhausen, no século XIX, de uma produção textual, tardia em ao menos sete séculos, daquilo que ele mesmo chamou de Hexateuco (os seis primeiros livros da Bíblia), as qualificações de Moisés como autor da Torah são contundentes, como explica Archer:

1 Moisés recebeu excelente formação como príncipe criado na corte do Egito (At 7.22), num país em que a cultura era superior à de qualquer outra nação do Crescente Fértil [...] 2 Moisés pode ter recebido de seus ancestrais israelitas, às leis orais que eram obedecidas na Mesopotâmia, de onde Abraão tinha vindo. 3 Moisés deve ter recebido, de seus pais, conhecimento pleno da vida dos Patriarcas, desde Adão até José; e, com base nessa riqueza da tradição oral, ele teria recebido todas as informações contidas no livro do Gênesis. 4 Tendo residido por muitos anos no Egito e também na terra de Midiã no Sinai, Moisés teria adquirido conhecimento pessoal sobre o clima, sobre práticas agrícolas e sobre as peculiaridades geográficas tanto egípcias como da península do Sinai. [...] Portanto, Moisés tinha todos os incentivos e todas as qualificações para compor essa obra magnífica.<sup>8</sup>

As experiências espirituais, vivenciadas por Moisés no cume do Sinai, devem ser consideradas nesta análise, também como parte importante na reiteração da revelação e inspiração do cânon, como fontes fundamentais, na construção textual da Torah. Assim como o considerável cronista Esdras, dispõe de igual importância para os escritos posteriores à Torah, e a influência que exerceu para a reunião das partes textuais, para a formação de um cânon para às Escrituras Judaicas, e de igual modo, os profetas, para os registros dos seus respectivos oráculos. Essas considerações contam com o peso a ortodoxia e com evidências epistemológicas que

<sup>8</sup> ARCHER, Gleason. Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas. 1ª ed São Paulo: Vida, 1998. p 55.





confirmam e reiteram a Inspiração e revelação divina das Escrituras hebraicas.

## 9 O CÂNON JUDAICO: ESTRUTURA E ELABORAÇÃO

A estrutura e elaboração do conjunto de rolos que estabelecem o cânon judaico, contam com particularidades que são peculiares em toda a sua estrutura, desde a disposição dos livros e sua respectiva ordem, até os nomes que foram dados a cada um deles. Essas particularidades também se estabelecem na sua composição propriamente, que apesar de constituir a Escritura primaz, todas as demais estruturas canônicas que são derivadas e ou secundárias, foram dispostas de maneira absolutamente diferente na maioria dos aspectos supracitados, mas que, apesar disso, não suplanta a importância que o texto literal hebraico, dispõe sobre as outras elaborações posteriores.

### 2.1. Reunião e Estruturação

A necessidade da reunião e estruturação do cânon judaico deve ser compreendido a partir da motivação e entusiasmo de momentos de grande perplexidade que arrebatou o povo judeu em duas ocasiões marcantes em sua história. A primeira remonta os dias do rei Josias. As Escrituras já somavam duas gerações, que estavam desaparecidas, quando, a reforma iniciada pelo rei Josias, permitiu que os rolos da Lei do Senhor, fossem encontrados e reestabelecidos ao seu lugar de origem. Não pode haver dúvidas que o impacto que este evento causou, foi de grande importância, para que o Livro da Lei, não fosse esquecido no exílio babilônico, que iria ocorrer pouco depois daqueles dias.

A segunda ocasião, que de modo geral, pode ser vista como a gênese do cânon judaico, foi a influência que o sacerdote Esdras desenvolveu no Judá do pós-exílio. As Escrituras nesse tempo, tomou um lugar de



destaque na liturgia do culto, o que, evidentemente exigia que os textos da Lei e dos profetas, obtivessem algum tipo de organização, a fim de que pudesse ser usado de forma plena e eficaz.

Esse é um cenário ideal para pensar os desdobramentos que a posteriori, culminaria em uma canonização. Há um pano de fundo a ser considerado, para que no século IV a.C, houvesse um movimento em direção a uma reunião de textos para uma estruturação definida, conforme propõe os historiadores LaSor, Hubrard e Bush:

Em II Macabeus 4.14-15, afirma-se que, depois da guerra devastadora travada por Antíoco IV (chamado Epifânio) da Síria contra os judeus, Judas Macabeu, que liderou a revolta dos judeus contra os sírios reuniu todos os livros espalhados na guerra. É provável que esse ato, por volta de 164 a.C., tenha desempenhado papel decisivo na canonização da Bíblia hebraica incluindo-se uma listagem oficial de seus livros canônicos. A essa coleção pode-se associar o depósito das Escrituras judaicas num arquivo no Templo de Jerusalém, fato conformado por Josefo e pela literatura rabínica primitiva.<sup>9</sup>

A reunião dos textos realizada por Judas Macabeu, é uma clara indicação de que o trabalho dos copistas, liderados por Esdras e Neemias, no regresso do cativeiro, constituiu uma reconstrução total, incluindo os textos da Escritura. Os registros de Neemias, mencionam que, no retorno do cativeiro, Esdras e os levitas, leram o livro da Lei, “...dando explicações, de maneira que entendesse o que se lia” Ne 8.8 (ARA, 2012).

## 2.2. A Elaboração, propriamente

O cânon judaico, foi tradicionalmente elaborado com 24 livros, dispostos em uma divisão tripartida. A primeira porção, envolve os textos que compõem a Lei - תורה (Torah), que também recebe a significação de “instrução”. A segunda porção consiste os Profetas – נביאים (Nevi'im), subdivididos em profetas anteriores (Josué, Juízes, Samuel e Reis) e profetas posteriores (Isaias, Jeremias, Ezequiel e o livro dos doze profetas).

---

<sup>9</sup> Iden. p 653



A terceira porção constitui os Escritos – (כתובים) Ketuvim), que compõe doze livros, também chamados Hagiógrafos, subdivididos em duas partes, a primeira chamada de (אמת) Emeth), composto pelos livros de: Jó, Salmos e Provérbios; e a segunda parte, os chamados (מגילה) Megilloth), composto dos livros de Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias, 1 e 2 Crônicas.

Havia uma certa variação de opiniões quanto ao número exato de livros, que compunham o cânon, entre vinte e dois ou vinte e quatro. Contudo a disparidade numérica, não parece, necessariamente, implicar no número de livros propriamente, senão, em uma tentativa de estabelecer o número menor, a fim de que houvesse uma totalidade numérica padrão entre a Revelação escrita e o número exato das consoantes do alfabeto hebraico.

O CÂNON JUDAICO (O TANAKH)		
(חַרְרָה) TORAH)	(נְבִיאִים) NEVI'IM)	(כְּתוּבִים) KETUVIM)



Bereshit - בראשית	Yehoshua - יהושע	Tehillim - תהלים
Shemoth - שמות	Sheforim - שופטים	Mishei - משלי
Vaycra - ויקרא	Shemuel - שמואל	Yov - איוב
Bemidbah - במדבר	Malakhim - מלכים	Hashirim-Shir – שיר השירים
Devarim - דברים	– ישעיהו Yeshay'ahu	Rut - רות
	Yirmeyahu - ירמיהו	Eikhah - איכה
	Yechezki'el – יחזקאל	Kohelet - קהלת
	Hoshe'a – הושע	Ester - אסתר
	Yo'el – יואל	Dani'el – דניאל
	Amos – עמוס	Ezra – עזרא
	Ovadyah – עובדיה	Nechemyah - נחמיה
	Mikhah – יונה	Hayamim-Divrei – דברי הימים
	Nachum - נחום	Hayami-Divrei
	Havakuk - חבקוק	– דברי הימים ב
	Tz'fanyan – צפניה	
	Hagai - חגי	
	Z'kharyah – זכריה	
	Mal'akhi – מלאכי	

### 3 A RELEVÂNCIA DO CÂNON JUDAICO

A formação canônica das Escrituras hebraicas, foi amplamente determinante para a preservação e perpetuação da Revelação escrita de Deus, a fim de que o conhecimento de Deus fosse possível. Oseias o



profeta, no exercício do seu chamado, apelou para o conhecimento de Deus quando disse: “Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor!” (ACF, 2011). O conhecimento de Deus é uma façanha possível, porque Ele (Deus) desejou se fazer conhecido. Foi do seu agrado que, o que se pode conhecer acerca dEle, fosse registrado, reunido e fixado, de modo que o conhecimento do Deus de Israel, fosse possível. Assim, esse conhecimento não é simplesmente o resultado da junção do prefixo “τεο” (Téo) e do sufixo “λογος” (logos); conhecer a Deus, vai muito além desse mero conceito. O conhecimento de Deus, passa pelas mãos dos copistas, e daqueles que decidiram reunir e fixar os Escritos inspirados, sob a régua da verdade.

### 3.1. A Importância do Cânon para o Conhecimento de Deus

Todo o fazer científico, respalda as suas constatações em fontes confiáveis e fidedignas. Fontes são necessárias. A autoridade científica, pressupõe uma base sólida em provas verificáveis. Nesse aspecto, o cânon constitui uma prova inquestionável, porque postula o nível elevado de fonte primária. O conjunto da obra canônica não deve sofrer descrédito, porque a sua formação não está colocada simplesmente no plano natural, mas também no sobrenatural. O texto é inspirado. Literalmente soprado Deus, enquanto seu legítimo autor; a sua inspiração pode ser amplamente verificada em aspectos culturais, linguísticos, geográficos, étnicos e sociais, sem que a sua redação sofra algum tipo de detrimento. São escritores pertencentes a contextos culturais diferentes, em ambientes diferentes, com idiomas diferentes e em ocasiões das mais diversificadas possível, desde grande êxodos e imigrações até conflitos e exílios, e a exatidão, simetria e concordância do conteúdo escrito, formam o cenário factual como fenômenos de longa duração e sem a menor distorção. Isso só pode ser possível com a influência divina, como considera o Dr. Lourenço:

Tudo o que é apresentado como história, nada mais é que uma



interpretação. Essa interpretação talvez esteja correta ou não. Já a história relatada pela Bíblia é diferente. Ela não está ligada a capacidade dos autores bíblicos, nem à sua percepção da realidade. O relato histórico da Bíblia originou-se integralmente no Deus que esteve presente em cada momento da história, o qual nunca esteve preso ao espaço ou mesmo ao tempo, ou ainda a uma visão pessoal limitada da realidade associada aos eventos. A sua visão de cada evento sempre foi completa, perfeita e sem a menor distorção.<sup>10</sup>

A questão aguda da canonicidade é uma façanha humana, mas com uma direção divina. Nesse aspecto, e em última instância o próprio Deus, se constitui uma fonte primária de conhecimento acerca dele mesmo. Tudo o que a cerca dele (Deus) se pode conhecer, está prontamente revelado, organizado e fixado, no cânon que possui exatamente o sortimento de livros que tem, não mais, não menos e não outros.<sup>11</sup>

O cânon judaico tornou-se o principal instrumento de leitura nas liturgias do templo e posteriormente das sinagogas. Na colônia judaica de Alexandria, o cânon judaico foi a fonte de onde se originou a septuaginta (versão grega do Tanakh judaico). O mundo helênico de Alexandre, passou a ter contato com as Escrituras do Deus de Israel. Essa façanha foi determinante, em larga medida, para que o mundo gentil de então, também pudesse tomar conhecimento de Deus e do Messias que havia de vir. Sem dúvidas essa foi a maior e mais relevante de todas as contribuições positivas da organização da Escritura judaica em um cânon fechado.

### 3.2. A Importância do Códice Massorético

Não há talvez um povo, que possua a capacidade de preservação de sua cultura, usos e costumes, como o povo judeu. Essa capacidade, permitiu que o texto, tal como Deus inspirou, fosse também preservado.

10 LOURENÇO, Adalto. Genesis 1&2: A Mão de Deus na Criação. 1ª edição. Editora Fiel: São Paulo, 2011. p.25.

11 PECKERING, Wilbur N. A Canonicidade – Oficina Bíblica. Project Underground Church. p.45.



Depois da segunda Diáspora no ano 70 d.C., os judeus foram espalhados pelo mundo de então e o conceito de nacionalidade foi se esfacelando. O hebraico caiu em desuso, ficando restrito apenas às liturgias das sinagogas. Nesse tempo o Talmude assumiu papel de grande preponderância entre os judeus, por se tratar de ser o seu principal código de ética, de relevância considerável entre eles, como afirma Durant:

Durante 1.400 anos o Talmude foi a alma da educação judaica Sete horas por dia, durante sete anos, o jovem hebreu lia-o atentamente, recitava-o, guardava-o em sua memória, pelo ouvido e pela vista, o Talmude formava o espírito e o caráter pela disciplina, estudo e depósito de seus ensinamentos morais.<sup>12</sup>

Nesse tempo, um novo estilo de escrita surgiu: O hebraico massorético. A Bíblia hebraica de hoje é fruto da dedicação e do trabalho dos massoretas, como eram chamados os judeus, na Idade Média, que se dedicaram a preservar e cuidar do manejo do texto hebraico do Tanakh. Esses judeus elaboraram e publicaram materiais que objetivava orientar o trabalho de cópias dos textos. Esses compilados, que recebiam o nome de “massora”, um termo cunhado para designar a escrita tradicional dos textos da Escritura. Havia nessas massoras, todas as regras que os copistas deviam obedecer, como observações gramaticais e princípios talmúdicos.

Fruto do incansável trabalho dos judeus massoretas, são os códices hebraicos, que foram encontrados. O códice de Leningrado é o maior, mais completo e mais conhecido, elaborado pelo escriba Samuel Ben Jacob no século XI, foi utilizado como base para a redação da Bíblia Hebraica, que a rigor se tornou ao longo dos anos, o texto de maior fluidez entre os copistas e editores. Outro códice hebraico, também massorético, é o códice de Aleppo, mais antigo e não menos importante. Todo esse arcabouço historiográfico, permite perceber como se deu a dinâmica da preservação e a trajetória do texto hebraico. Não há dúvidas de que, há

<sup>12</sup> DURANT, Will. História da Civilização Vol IV: A Idade da Fé. Editora Record: Rio de Janeiro, 1950. p 328.



nesse processo a mesma contribuição divina que operou a inspiração, também se mostrou eficiente na preservação desses textos. Não faria sentido, Deus inspirar um texto e não prover um meio para a sua preservação. O Dr Peckering diz, que esta é uma observação objetivamente lógica, ao tratar de uma Escritura divina, quando salienta:

Inspiração é um resultado ou uma qualidade da Revelação – com essa declaração estamos afirmando que o Soberano Criador decidiu transmitir alguma informação objetiva à raça humana. Se o Criador estivesse apenas preocupado em transmitir informação a um determinado indivíduo, ou grupo, em um determinado tempo, para um propósito específico, isso poderia ser feito oralmente. Mas se o propósito dEle era alcançar uma sequência de gerações (até mil delas, 1 Crônicas 16.15), então a forma apropriada seria por escrito. Agora, se o Criador pretendesse que sua Revelação chegasse intacta, ou pelo menos inteira e em condições confiáveis, ao século XXI, Ele absolutamente teria que vigiar o processo de transmissão através dos séculos. Então, uma pessoa que crê na inspiração divina [...] também deveria crer na preservação divina [...] é uma questão de lógica.<sup>13</sup>

O ocidente passou por inúmeras transformações ao longo de milênios. Essas mudanças também influenciaram em grande medida, às Escrituras cristãs; a existência da Bíblia Hebraica, nesse sentido, mostra-se não somente um texto padrão, mas também uma ferramenta sumamente importante e de total relevância, para a defesa da ortodoxia das Escrituras, tal como fora inspiradamente escrita.

## CONCLUSÃO

A construção textual em apreço, buscou elucidar de forma lacônica, a importância do cânon judaico, como instrumento organizador da comunicação e da Revelação divina de forma escrita. O Criador dos céus e da terra, inspirou o texto que revela a sua natureza e obra, detalhadamente. Desde os primórdios, esses textos se mantiveram entre o povo da Aliança, de maneira oscilante, houve período na história de Israel,

<sup>13</sup> PECKERING, Wilbur N. Deus Preservou o Seus Texto: A Divina Preservação do Novo Testamento – 2020 ISBN – 9798669975203. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – (CIP).





em que a Escritura se destacou como mandamentos, preceitos e estatutos indispensáveis para o regimento e manutenção da nação, em outros momentos, foram negligenciados por gerações inteiras. Até que, um despertamento, promovido pelo sentimento e anseio de reconstrução fora encabeçada por Esdras, que promoveu a leitura e interpretação da Lei do Senhor no pós-exílio e a regulamentação da leitura da Escritura na liturgia no culto judaico. Este feito foi o princípio motivador determinante para que, não muito tempo depois deste período, o sortimento de textos fosse reunido, estruturado e fixado em um cânon.

Com a fixação canônica, os textos sagrados foram organizados de maneira tripartida em Lei - (תורה) Torah), Profetas - (נביאים) Nevi'im) e escritos (כתובים) Ketuvim). Esta organização estabeleceu oficialmente o código ético, moral e cerimonial judaico, com métodos interpretativos e com a observação da tradição talmúdica.

O cânon judaico permitiu também, a universalização do texto da Escritura, com a colônias judaicas advindas da diáspora e principalmente com o advento do grego que o helenismo fomentou em todo o mundo antigo. Em Alexandria, a tradição dos setenta, providenciaram a tradução do Tanakh hebraico para o grego, com a versão que ficou conhecida como septuaginta (LXX), esta façanha foi de fundamental importância, como fonte primária tanto para a tradução grega como também, para o latim, a fim de que o mundo gentílico de então pudesse ter acesso ao texto da Escritura e, portanto, ao conhecimento do Deus de Israel.

No ano 70 d.C., Roma investiu contra Jerusalém, deflagrando a segunda maior dispersão dos judeus pelo mundo. Com a derrocada de Jerusalém em 70 a.C, e a segunda diáspora, o conceito de nacionalidade vinculado a língua e ao território, foi perdido, e o hebraico caiu em desuso, quase que desaparecendo totalmente. Contudo, a força e a resiliência do



povo judeu, não estava preso apenas ao território, mas na perenidade da Aliança de Deus com Abraão. Durante a Idade Média um grupo de judeus denominados massoretas, uniram-se em prol do resgate da língua hebraica e de um zeloso planejamento de compilação de massoras (cópias da Escrituras, rigorosamente de acordo com as novas regras de vocalização linguísticas e com a tradição talmúdica). As cópias em hebraico massorético, originaram os famosos códices de Aleppo e de Stalingrado, obras de grande relevância que serviu de texto base para a Bíblia Hebraica tal como dispõe-se hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um texto produzido a partir da consideração da importância do cânon judaico, para as demais versões e o fomento do conhecimento do plano divino através dos séculos.

A análise em apreço, teve o apoio de obras e compêndios de excelência historiográfica, teológica e científica, devidamente supracitados, e pode ser apreciado em caráter particular ou coletivo com o objetivo de promover o aprendizado.

Onde este trabalho for lido, que ele encontre corações humildes, espírito dócil, a fim de que possa desenvolver o conhecimento com simplicidade e humildade a fim de que possa encontrar outros corações dedicados e decididos em ter conhecimento de Deus.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Clinton. Comentário Bíblico Broadman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Juerp, 1987.



ARCHER, Gleason. Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas. 1ª ed São Paulo: Vida, 1998.

ARRUDA, José Jobson. História Antiga e Medieval. – 7ª edição, São Paulo: Ática, 1984.

CHAMPLIM, Russel N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. 3ª edição. São Paulo: ed. Hagnos, 2001.

CRABTREE, A. R. Teologia do Velho Testamento. 5ª ed Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1991.

DOUGLAS, J, D. O Novo Dicionário da Bíblia. 3ª edição. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2006.

DURANT, Will. História da Civilização Vol IV: A Idade da Fé. Editora Record: Rio de Janeiro, 1950.

ELWELL, Walter. A. Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. 1ª edição. São Paulo: ed. Hagnos, 2009.

ENNS, Paul. Manual de Teologia Moody. 1ª ed São Paulo: Batista Regular, 2010. JOINER, Eduardo. Manual Prático de Teologia. 1ª ed Rio de Janeiro: Central Gospel, 2019.

LASOR, Willian. Introdução ao Antigo Testamento. 1ª ed São Paulo: 1999. LOURENÇO, Adalto. Genesis 1&2: A Mão de Deus na Criação. 1ª edição. Editora Fiel: São Paulo, 2011.

FRANCISCO, Edson Faria. Antigo Testamento Interlinear: Hebraico/Português. 2ª edição. Sociedade Bíblica do Brasil: Barueri-SP, 2015.



PECKERING, Wilbur N. Deus Preservou o Seus Texto: A Divina Preservação do Novo Testamento – 2020 ISBN – 9798669975203. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – (CIP).

PECKERING, Wilbur N. A Canonicidade – Oficina Bíblica. Project Underground Church.

SIZEMORE, Burlan A. Comentário Bíblico Broadman. Vol.1. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1987.

THIESSEN, Henry Clarence. Palestras Introdutórias à Teologia Sistemática. 1ª edição. São Paulo: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1989.

